

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JOÃO GABRIEL DE PAULA

A Expansão dos BRICS e o Desafio à Hegemonia dos Estados Unidos: Teoria e Evidência da  
Nova Ordem Mundial

Uberlândia

2024

JOÃO GABRIEL DE PAULA

A Expansão dos BRICS e o Desafio à Hegemonia dos Estados Unidos: Teoria e Evidência da  
Nova Ordem Mundial

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Federal de Uberlândia como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel

Área de concentração: Relações Internacionais

Orientador: Guilherme Jonas Costa da Silva

Uberlândia

2024

JOÃO GABRIEL DE PAULA

A Expansão dos BRICS e o Desafio à Hegemonia dos Estados Unidos: Teoria e Evidência da  
Nova Ordem Mundial

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Federal de Uberlândia como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel.

Área de concentração: Relações Internacionais

Uberlândia, 2024

Banca Examinadora:

---

Guilherme Jonas Costa da Silva – Doutor (UFU)

---

Laurindo Paulo Ribeiro Tchinhamá – Doutor (UFU)

---

Sabrina Faria de Queiroz – Doutora (UFU)

## **AGRADECIMENTOS**

O caminho até aqui foi marcado por encontros e desencontros. Gostaria de agradecer a todos aqueles que permaneceram, e aos que, por algum motivo ficaram no caminho, de todo modo, todos foram importantes e me conduziram até aqui. Em especial, agradeço a minha família, principalmente aos meus pais, José Antônio e Maria Aparecida, e ao meu irmão, Samuel, que possibilitaram em tudo a caminhada. Aos meus professores que constituíram parte fundamental de quem eu sou. Gostaria de agradecer as minhas melhores amigas, Ana Júlia e Lívia, por estarem sempre comigo e por terem ficado quando mais precisei. A Brunna e Cristiane, as quais deixaram a universidade mais leve e de vários modos fizeram tudo fácil. Agradeço ao meu orientador pela paciência e dedicação. Por fim, mas não menos importante, deixo meu agradecimento ao Joed e ao Matheus, que embora tenham sido as amizades mais inesperadas, sou profundamente grato por tê-los em minha vida.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a origem, a evolução e o impacto dos BRICS na hegemonia norte-americana, à luz da construção de uma nova ordem mundial. Para tanto, adota-se a metodologia econométrica de dados em painel, com o propósito de testar a hipótese de que os BRICS têm desempenhado um papel ativo nas esferas geopolítica, econômica e militar. Os resultados obtidos indicam que a estabilidade política e os gastos militares dos países membros têm exercido influência significativa na configuração de uma nova ordem mundial, reforçando a tese de que os BRICS possuem a capacidade de desafiar a hegemonia dos Estados Unidos. Apesar do poder americano, das limitações internas e dos desafios enfrentados pelo bloco, os BRICS têm promovido uma influência crescente na ordem global, favorecendo uma governança mais multipolar.

**Palavras-chave:** BRICS; Hegemonia; Estados Unidos; Nova Ordem Mundial; Econometria.

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the origin, evolution and impact of the BRICS on U.S. hegemony, in the context of the construction of a new world order. To this end, it employs an econometric panel data methodology to test the hypothesis that the BRICS have played an active role in the geopolitical, economic, and military spheres. The results indicate that the political stability and military spending of the member countries have had a significant influence on the shaping of a new world order, reinforcing the thesis that the BRICS have the capacity to challenge U.S. hegemony. Despite American power, internal limitations, and the challenges faced by the bloc, the BRICS have been fostering a growing influence on the global order, promoting a more multipolar governance.

**Keywords:** BRICS; Hegemony; United States; New World Order; Econometrics.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| Ilustração 1 - Mapa BRICS e BRICS + ..... | 32 |
|-------------------------------------------|----|

## **LISTA DE QUADROS**

|            |                              |    |
|------------|------------------------------|----|
| Quadro 1 - | Evolução da Sigla BRICS..... | 21 |
|------------|------------------------------|----|

## **LISTA DE GRÁFICOS**

|             |                                                                                    |    |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 - | PIB em Bilhões de US\$ Corrente BRICS, Estados Unidos e União Europeia (2000-2022) | 16 |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------|----|

## LISTA DE TABELAS

|            |                                                                                   |    |
|------------|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 - | Estimativas do Modelos 1 para a Variável Dependente: Reservas Internacionais..... | 37 |
| Tabela 2 - | Estimativas do Modelos 2 para a Variável Dependente: Reservas Internacionais..... | 38 |
| Tabela 3 - | Estimativas do Modelos 3 para a Variável Dependente: Reservas Internacionais..... | 39 |
| Tabela 4 - | Estimativas do Modelos 4 para a Variável Dependente: Reservas Internacionais..... | 41 |

## **Lista de Siglas**

|         |                                                             |
|---------|-------------------------------------------------------------|
| BRIC's  | Brasil, Rússia, Índia e China                               |
| BRICS - | Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul                |
| BRICS+  | Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e novos membros |
| IBSA    | Brasil, Índia e África do Sul                               |
| EUA     | Estados Unidos                                              |
| FE      | Efeitos Fixos                                               |
| FMI     | Fundo Monetário Internacional                               |
| GMM     | Método de Momentos Generalizados                            |
| NDB     | Novo Banco de Desenvolvimento                               |
| NOM     | Nova Ordem Mundial                                          |
| OLS     | Mínimos Quadrados Ordinários                                |
| OTAN    | Organização do Trado do Atlântico Norte                     |
| P&D     | Pesquisa e Desenvolvimento                                  |
| PIB     | Produto Interno Bruto                                       |
| Prob    | Probabilidade                                               |
| RE      | Efeitos Aleatório                                           |
| RIC     | Rússia, Índia e China                                       |
| SI      | Sistema Internacional                                       |
| VA      | Voice and Accountability                                    |

## SUMÁRIO

|                                                                     |           |
|---------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                           | <b>12</b> |
| <b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS BRICS.....</b>                 | <b>14</b> |
| 2.1 ORIGEM DOS BRICS .....                                          | 14        |
| 2.2 EXPANÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS BRICS.....                   | 18        |
| <b>3 BRICS E A NOVA ORDEM MUNDIAL: TEORIAS E PERSPECTIVAS .....</b> | <b>23</b> |
| 3.1 NOVA ORDEM MUNDIAL .....                                        | 23        |
| 3.2 UMA PERSPECTIVA REALISTA DOS BRICS.....                         | 24        |
| 3.3 UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA DOS BRICS.....                   | 26        |
| 3.4 BINÔMIO BRICS-ESTADOS UNIDOS.....                               | 27        |
| 3.5 AGENDA BRICS E NOVOS MEMBROS .....                              | 30        |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>                             | <b>32</b> |
| 4.1 METODOLOGIA.....                                                | 33        |
| 4.2 RESULTADOS .....                                                | 35        |
| 4.3 DISCUSSÕES .....                                                | 40        |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                 | <b>43</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                            | <b>45</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos se consolidaram como a única superpotência global e o sistema internacional tem sido amplamente moldado por uma estrutura unipolar, com a influência predominante dos Estados Unidos, dominando amplamente as esferas militar, econômica, política e cultural. No entanto, essa predominância tem gerado reações e frustrações em diversas partes do mundo, especialmente em países que buscam maior autonomia, influência e representatividade nas decisões globais.

O objetivo do trabalho é analisar a origem, a evolução e o impacto dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) na hegemonia norte-americana, à luz da construção de uma nova ordem mundial.

Os BRICS são um grupo de países emergentes que, após um rápido crescimento econômico, se tornaram uma força representativa do Sul Global, desafiando a hegemonia econômica e política ocidental. A aliança busca reformas nas instituições globais, promovendo uma governança mais multipolar e inclusiva. Além de sua dimensão econômica, os BRICS se consolidaram como um bloco político e identitário, lutando por maior representatividade em organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, com o objetivo de criar uma ordem mundial mais equitativa.

A justificativa para este estudo está na crescente relevância dos BRICS como atores globais que influenciam não apenas a economia, mas também a política e a segurança internacional. Em um contexto de intensificação das tensões geopolíticas e de desafios globais, os BRICS têm se apresentado como uma alternativa ao status quo imposto pelo Ocidente. Compreender a estrutura, os objetivos e as implicações da atuação desse bloco é crucial para analisar as transformações no sistema internacional e avaliar o impacto que ele pode ter sobre a hegemonia dos Estados Unidos.

O problema de pesquisa pode ser resumido na seguinte questão:

- Como a expansão e a atuação dos BRICS impactam a hegemonia dos Estados Unidos e contribuem para a construção de uma Nova Ordem Mundial?

Para aprofundar a análise, este trabalho aborda questões específicas, como:

- Como a expansão dos BRICS com a entrada de novos membros pode impactar a governança global?

- Quais são os principais fatores econômicos, políticos e militares que sustentam a atuação dos BRICS no cenário internacional?

Para responder a essas questões, utiliza-se a metodologia econométrica de dados em painel, visando avaliar o impacto dos BRICS na ordem mundial. As variáveis econômicas, políticas e militares utilizadas para mensurar o efeito sobre a hegemonia do dólar americano incluem PIB per capita, exportações, gastos militares, estabilidade política, reservas internacionais, entre outras.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em quatro capítulos que buscam oferecer uma análise detalhada da evolução histórica, das estratégias e das implicações da atuação dos BRICS no Sistema Internacional. O segundo capítulo examina a formação dos BRICS como um bloco econômico e geopolítico, destacando o contexto histórico e as mudanças globais que possibilitaram sua ascensão. O terceiro capítulo analisa as perspectivas teóricas, realista e construtivista, sobre a atuação dos BRICS no Sistema Internacional, destacando como essas abordagens explicam sua cooperação e o desafio à hegemonia norte-americana. O quarto capítulo apresenta a metodologia econométrica utilizada para avaliar o impacto das variáveis políticas, econômicas e militares sobre a hegemonia dos Estados Unidos. Por fim, nas considerações finais, resume-se as principais descobertas, apresenta-se as limitações da pesquisa e aponta algumas sugestões para investigações futuras sobre o papel dos BRICS na construção de uma Nova Ordem Mundial.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS BRICS

### 2.1 ORIGEM DOS BRICS

A primeira década do século XXI pode ser considerada um período singular na história do Sistema Internacional. Diferentemente do final do século XX, em que, segundo Fukuyama (1989), a supremacia dos Estados Unidos era inquestionável em relação aos demais países, os primeiros anos do novo século expuseram fragilidades na potência americana. Segundo Stuenkel (2015), o poder estadunidense parecia alcançar seus limites, especialmente devido aos elevados gastos com compromissos militares, como as intervenções no Iraque e no Afeganistão, além da guerra ao terror. Essa situação, na visão do autor, abriu espaço para que países emergentes conquistassem maior visibilidade no cenário internacional.

Nesse contexto, no início deste século, observou-se uma conjuntura em que países do Sul Global começaram a ganhar maior notoriedade no cenário internacional, especialmente em relação ao crescimento econômico. No entanto, as estruturas e organizações econômicas existentes não conseguiam refletir adequadamente essas transformações. Jim O'Neill (2001) analisa as transformações em curso, destacando que, ainda no início do século, as economias emergentes apresentavam um crescimento real do produto superior ao dos países membros do G-7. Nesse contexto, o artigo "*Building Better Global Economic BRIC's*"<sup>1</sup> é paradigmático, pois não apenas reflete a necessidade de reorganização dos fóruns mundiais de economia, mas também é responsável por cunhar o acrônimo BRIC's.<sup>2</sup>

A ideia de agrupar países para fins de análise não era novidade no início dos anos 2000, uma vez que, ao longo do final do século XX, iniciativas semelhantes já haviam sido desenvolvidas. Segundo Damico (2015), o entusiasmo em torno dos BRIC's estava ligado ao ritmo acelerado de crescimento dessas economias, às suas grandes dimensões absolutas e aos impactos de seu crescimento sustentado ao longo do tempo. Assim, ao longo da primeira década do século XXI, diante de um ambiente internacional favorável e do bom desempenho econômico do Brasil, Rússia, Índia e China, ocorreram intensas interações entre esses países. Esse processo levou à consolidação, mesmo que informal, de um arranjo que possibilitou a intensificação das cooperações entre eles.

---

<sup>1</sup> Construindo uma Melhor Economia Global BRICs – Tradução Livre.

<sup>2</sup> Brasil, Rússia, Índia e China.

Inicialmente, a aproximação entre os países que viriam a formar o BRICS não ocorreu de maneira direta, uma vez que eles atuavam em diferentes frentes. Uma dessas frentes, mais próxima geograficamente e em termos de interesses, era composta por Rússia, Índia e China (RIC), enquanto a outra era protagonizada por Brasil, Índia e África do Sul (IBSA) (Stuenkel, 2015). Apesar de apresentarem elevadas taxas de crescimento, os países em questão enfrentavam grandes contradições internas em suas economias. Um aspecto a ser mencionado é que as trajetórias de desenvolvimento desses países são marcadas por altos níveis de divisão socioeconômica e operam dentro de uma lógica neoliberal, que impõe tensões significativas entre os imperativos de acumulação e a necessidade de legitimação. (Nilsen, Holdtb 2019).

A primeira década do século XXI, assim, foi marcada por uma intensa articulação entre os líderes dos BRICS, impulsionada por um cenário internacional favorável. Esse contexto incluía a insuficiente representação desses países nas esferas de poder econômico global e o desgaste dos Estados Unidos como *hegemon*. Além disso, a proximidade ideológica e política entre seus líderes também foi um fator importante a ser considerado.

Em 2003, segundo Stuenkel (2015), tem-se a primeira movimentação no sentido de aproximação desses países, uma reunião pioneira nessa matéria entre os países membros da IBSA. A formalização deste bloco com a Declaração de Brasília não resultou em grande repercussão no cenário internacional, mas tem um simbolismo no que se refere à vontade das potências emergentes de atuarem conjuntamente em áreas comuns de cooperação (Stuenkel, 2015). Os artigos segundo e nono da Declaração de Brasília de 2003 evidenciam tais objetivos, visto que:

2. Este constituiu um encontro pioneiro de três países com democracias vibrantes, de três regiões do mundo em desenvolvimento e atuantes em escala global, com o objetivo de examinar temas da agenda internacional e de interesse mútuo. Nos últimos anos, notou-se a importância e a necessidade de diálogo entre países e nações em desenvolvimento do Sul. [...]

9. Os chanceleres identificaram na cooperação trilateral relevante instrumento para alcançar a promoção do desenvolvimento social e econômico, bem como ressaltaram sua intenção de dar maior impulso à cooperação entre eles. Ao assinalar que suas sociedades contam com diversas áreas de excelência em ciência e tecnologia e oferecem oportunidades comerciais, de investimentos, de viagens e de turismo de largo potencial, destacaram que a adequada combinação de seus melhores recursos gerará desejada sinergia (Brasil, 2003, p. 1 e 2)

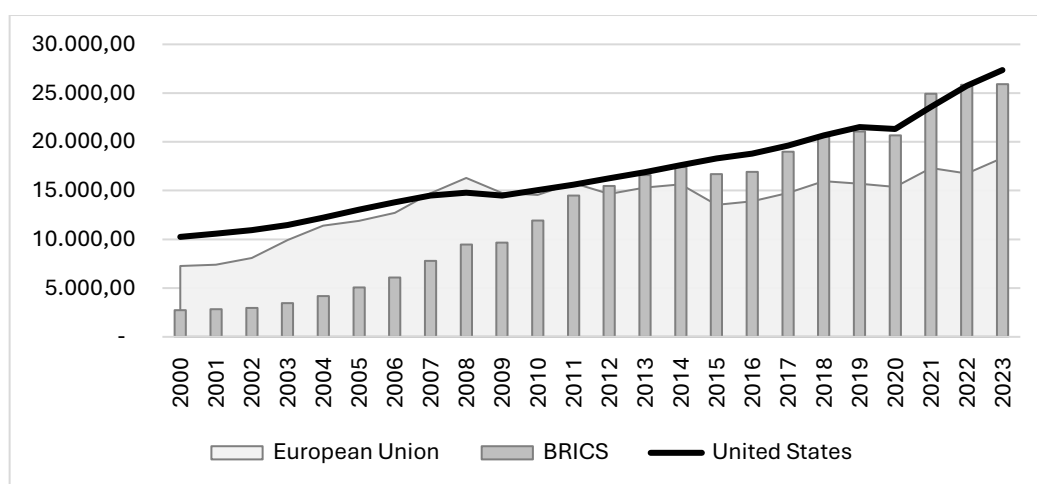
No continente asiático, os RICs apresentavam um maior grau de institucionalização, devido à sua agenda anual de reuniões trilaterais entre os ministros de Relações Exteriores desde 2001, com foco em temas como migração, tráfico e terrorismo, que são comuns aos três países, especialmente em razão de suas proximidades geográficas. Em 2006, a Rússia propôs a ideia

do RIC+Brasil, mas essa proposta foi recebida com ceticismo tanto pela China quanto pela Índia, que viam o Brasil como distante das questões de segurança asiáticas.

Nesse contexto, surgiu a iniciativa de incluir o Brasil nas discussões entre os RICs. Em 2006, os países realizaram sua primeira reunião de caráter informal, uma característica predominante na integração entre eles, dada a baixa institucionalização existente. As discussões centrais desse encontro giraram em torno da distribuição de poder no FMI e no Banco Mundial, além da relutância do G-7 em incluir as novas potências emergentes (Stuenkel, 2015). Com a crescente proximidade entre os BRICs, em 2008, estabeleceu-se uma relação de trabalho mais sólida, permitindo o desenvolvimento de uma agenda comum, especialmente em relação ao domínio financeiro internacional.

Em 2008, a consolidação dos BRICs tornou-se evidente, especialmente, com a iminência da crise do *subprime*. Diferentemente das maiores potências capitalistas, que enfrentaram severos abalos econômicos, as potências emergentes conseguiram superar os efeitos da crise de forma mais suave, mantendo suas taxas de crescimento nos primeiros anos da década de 2010, como pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – PIB em Bilhões de US\$ Corrente BRICS, Estados Unidos e União Europeia (2000-2022)



Fonte: Banco Mundial (2024). Elaboração própria.

Neste período, os BRICs conseguiram a apresentar desempenhos econômicos, medidos pelo PIB, que se mostraram semelhantes ou até superiores aos das potências centrais do capitalismo. Nesse contexto de pós-crise, realizou-se a primeira cúpula dos BRICs em Ecaterimburgo, onde as principais questões abordadas giraram em torno das ambições

reformistas de seus membros em relação às instituições internacionais, especialmente o Fundo Monetário Internacional (FMI). Isso é destacado na declaração conjunta da cúpula:

3. Estamos comprometidos com o avanço da reforma das instituições financeiras internacionais, de forma a refletir as transformações da economia mundial. As economias emergentes e em desenvolvimento devem ter maior peso e representação nas instituições financeiras internacionais, cujos diretores e executivos devem ser indicados por intermédio de processo aberto, transparente e com base no mérito. Acreditamos, também, na necessidade de um sistema monetário estável, confiável e mais diversificado.

4. Estamos convencidos de que a reforma da arquitetura financeira e econômica deve basear-se, *inter alia*, nos seguintes princípios: - processo decisório e de implementação democrático e transparente no âmbito das organizações financeiras internacionais; - sólida base legal; - compatibilidade entre as ações de instituições regulatórias nacionais eficazes e de organismos internacionais de regulação; - fortalecimento do gerenciamento de risco e das práticas de supervisão. 5. Reconhecemos a importância do comércio internacional e dos investimentos estrangeiros diretos para a recuperação econômica mundial. Instamos todas as partes a trabalhar em conjunto para incrementar o ambiente de comércio e de investimento internacional. Conclamamos a comunidade internacional a resguardar a estabilidade do sistema multilateral de comércio, restringir o protecionismo comercial e pressionar por resultados abrangentes e equilibrados para a Agenda de Desenvolvimento de Doha da OMC (Baumann, *et al*, 2015, p.158).

Dessa forma, os BRICs não se configuravam apenas como um conceito teórico, mas como uma formulação política com bases materiais que visa promover uma atuação conjunta, aumentando o poder de negociação das potências emergentes. De certa forma, o sucesso das interações iniciais dos BRICs pode ser compreendido não apenas pela conjuntura favorável, mas também como um esforço para integrar à política externa de cada um de seus membros a imagem que desejavam projetar no cenário internacional. Além disso, isso reforçou a percepção de que a ordem mundial estava se transformando com a ascensão dos países emergentes como protagonistas no Sistema Internacional. (Ribeiro, Moraes, 2015).

A primeira grande manifestação de influência dos BRICs ocorre em 2010, com a reforma do FMI, que era visto pelos países do grupo como um instrumento tipicamente ocidental destinado a preservar a hegemonia econômica dos Estados Unidos, por meio do sistema de quotas e de votação. Nesse sentido, o esforço da coalizão resultou na ampliação da capacidade de influência dos países emergentes, com a redistribuição de 6% das quotas em seu favor. Isso permitiu que a China se tornasse o terceiro país com o maior número de quotas, enquanto os demais membros do grupo passaram a figurar entre os dez maiores acionistas do FMI. (FMI, 2010).

A atuação dos BRICs estava predominantemente voltada para questões econômicas e financeiras, atingindo seu auge com a reforma do FMI. Com a cúpula do G-20 em Londres,

novas temáticas começaram a ser incorporadas nas interações entre esses países, especialmente questões de segurança, terrorismo, migração, tráfico de drogas e armas, que passaram a ser discutidas em conjunto (Stuenkel, 2015).

Ademais, uma outra característica importante dos BRICs é seu caráter intergovernamental, o que implica que não está diretamente vinculado aos interesses e às vontades das elites internas de seus países. Dessa forma, suas atividades são guiadas pela vontade política de seus Chefes de Estado e de Governo (Damico 2015).

Dado seu caráter intergovernamental, têm-se como um processo natural dos BRICs o fortalecimento e o crescimento de laços bilaterais entre os seus membros, o que permitiu uma aproximação e atuação em matérias de interesse mútuo entre seus membros Stuenkel (2015). Assim, constroem-se agendas diplomáticas amplas de cooperação (Damico 2015). De tal modo,

além de suas particularidades, os BRICS são ativos protagonistas na política de suas respectivas regiões, engajados nos projetos de integração e cooperação com seus vizinhos, suas grandes dimensões os colocam, ademais, em situação singular quanto à política regional. Em foros multilaterais, os BRICS são autônomos e independentes, com voz ativa em diversos regimes, destacando-se em relação a outros países desenvolvidos e em desenvolvimento (Damico, 2015, p. 58-59).

## 2.2 EXPANÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS BRICS

A configuração inicial dos BRICs era caracterizada por grandes potências emergentes, especialmente no que diz respeito à atuação multilateral de caráter Sul-Sul. Nesse sentido, o acrônimo apresentava um forte aspecto regional, refletindo sua concentração em duas grandes áreas do globo: Ásia e América do Sul. Contudo, apesar de seu sucesso em se posicionar como reformistas da ordem mundial, o bloco ainda carecia de legitimidade em relação ao Sul Global, especialmente no que diz respeito à África. Nesse contexto, a inclusão de um país africano no grupo tornava-se fundamental para preservar seu caráter integracionista em relação ao Sul, além de possibilitar a ampliação de sua esfera de atuação.

De modo geral, com exceção do Brasil, os demais membros dos BRICs careciam de *soft power* em relação à África. A atuação da China e da Índia era considerada expansiva, visto ao modo como se deu a inserção dos empreendimentos no continente, enquanto as relações exteriores da Rússia no pós-Guerra Fria atribuíram menor importância ao continente (Stuenkel, 2015). Assim, a adesão da África do Sul aos BRICs visava reverter a imagem negativa que alguns de seus membros tinham em relação ao continente africano e, no caso do Brasil, reafirmar um compromisso externo de aproximação com a África.

Ademais, outro fator importante para a adesão da África do Sul está relacionado ao histórico de relações que o país mantinha com o Brasil e a Índia por meio do IBSA, já que havia uma intensa sinergia entre as partes. No entanto, os esforços mais significativos para a adesão do país africano partiram de Pequim, pois a África do Sul representava uma porta de entrada para os produtos chineses no Mercado da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral. Além disso, essa adesão promovia os interesses dos setores empresariais, permitindo ganhos em aprendizado e aliança em termos de tecnologia, inovação e desenvolvimento para o continente africano (Naidu, 2011).

Inicialmente, a inclusão da África do Sul ao acrônimo parecia controversa, uma vez que o país apresentava uma economia menor e um ritmo de crescimento distinto em relação aos demais membros na época. No entanto, na perspectiva de Stuenkel (2015), a África do Sul poderia conferir um novo *status* aos BRICs, que passariam a ser vistos como uma construção política, além de representar a ampliação da estrutura global do grupo.

Além dos aspectos de legitimidade que os BRICs ganhariam com a entrada da África do Sul, uma potência regional em termos econômicos, políticos e diplomáticos, isso conferiria um forte *soft power* ao bloco, já que se aproximaria de maneira menos impositiva e predatória em relação ao continente africano.

Assim, a atuação chinesa foi central para os BRICs, pois havia um esforço da China em projetar sua influência no Sul Global de maneira distinta das experiências das potências ocidentais. Esses aspectos ficam evidentes no discurso do Embaixador chinês Zhang Jun, que afirmou que a abordagem da China em relação à África não seguiria o caminho da exploração e do colonialismo, mas se basearia em laços culturais, históricos e econômicos, visando o desenvolvimento do continente e benefícios mútuos (China, 2010).

Diante de todos os processos mencionados e dos amplos interesses dos membros fundadores, a terceira cúpula dos BRICs marcou a incorporação formal da África do Sul. Essa adesão foi ratificada no segundo artigo da Declaração e Plano de Ação de Sanya<sup>3</sup>, momento em que o acrônimo passou a incluir a letra "S", tornando-se BRICS. Com a adesão da África do Sul, a cooperação entre os membros ganha novos contornos políticos, aprofundando as relações em questões de governança global e cooperação mútua.

Embora a agenda econômica continuasse a ser uma das principais bandeiras dos BRICS, havia um interesse mútuo em consolidar uma parceria mais abrangente (Xiujun, 2020). Esse movimento reflete o protagonismo chinês, que pode ser atribuído às maiores capacidades

---

<sup>3</sup> Declaração e Plano de Ação de Sanya é o documento formal da terceira cúpula dos BRICs

do país de se projetar tanto dentro dos BRICS quanto no cenário internacional. Durante a VII Cúpula dos BRICS, Xi Jinping destacou a importância de estabelecer parcerias entre os membros, abordando temas como a manutenção da paz mundial, a promoção do desenvolvimento comum e o fortalecimento da governança econômica (XiuJun, 2020).

Apesar de uma agenda constante de encontros entre seus líderes, os BRICS não possuem uma institucionalização clássica, como sede própria, um acordo fundante ou aparatos burocráticos. Para Xu XiuJun (2020), existem duas visões diferentes sobre o desenvolvimento institucional dos BRICS. A primeira sugere que o grupo deve manter sua informalidade, funcionando como um mecanismo de cooperação econômica ou como uma comunidade de interesses unificados. Essa abordagem pode ser vantajosa, uma vez que os BRICS não possuem uma base sólida para se tornarem uma organização formal, portanto, deveriam concentrar-se em uma agenda de cooperação pragmática para alcançar seus objetivos.

Já a segunda abordagem, conforme Xu XiuJun (2020), ocorrem em defesa que os BRICS deveriam estabelecer uma organização formal, uma vez que essa informalidade afeta negativamente sua eficiência na tomada e implementação de decisões. Em contrapartida, Abdenur e Folly (2015) argumentam que, por se tratar de um agrupamento recente, um alto grau de institucionalização poderia ser um obstáculo para suas iniciativas. Os autores defendem que a flexibilidade possibilita a criação de um ambiente de negociação e acomodação de interesses, resultando em maior agilidade na implementação de compromissos.

Assim, o desenvolvimento do bloco ocorre dentro de uma lógica de cooperação e expectativas de ganhos mútuos, embora existam assimetrias de poder e projeção entre seus membros:

A cooperação do BRICS é baseada principalmente em mecanismos suaves e informais. Isso ocorre em parte porque as intenções estratégicas dos cinco países são relativamente transparentes, e as informações trocadas podem ser discernidas e controladas. Além disso, a formação de tais mecanismos também é resultado de considerações realistas, como a dificuldade de estabelecer mecanismos rígidos. O baixo nível de institucionalização da cooperação do BRICS também reflete objetivamente que as altas expectativas para uma cultura de recompensa não tomaram forma na formação e desenvolvimento da cooperação (Lin, Jiwu, 2020, p.57, tradução própria).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Do original: BRICS cooperation is primarily based on soft and informal mechanisms. This is partly because the strategic intentions of the five countries are relatively transparent, and the exchanged information can be discerned and controlled. Besides, the formation of such mechanisms is also a result of realistic considerations, such as the difficulty of establishing hard mechanisms. The low level of institutionalization for BRICS cooperation also objectively reflects that the high expectations for a payoff culture have not taken shape in the formation and development of the cooperation (Lin, Jiwu, 2020, p.57).

Embora o institucionalismo dos BRICS tenha sido limitado e as economias de seus membros apresentassem baixo dinamismo no início da década de 2010, a mudança na conjuntura internacional favoreceu movimentações internas que proporcionaram um maior grau de formalidade ao grupo. Assim, após a adesão da África do Sul, a principal transformação nos BRICS foi a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) em 2014. O NBD nasce como uma resposta as instituições econômicas de Bretton Woods e com um capital inicial subscrito de US\$ 100 bilhões, dividido igualmente entre seus membros, para enfrentar a dificuldade que os países emergentes possuem em angariarem financiamentos para infraestrutura e desenvolvimento (Brasil, 2014). Ademais, em um caráter mais institucional, os BRICS passam a contar com um Conselho de Governadores, um Conselho de Administração, um presidente e uma sede própria, além de um Centro Regional Africano do Novo Banco de Desenvolvimento. Observa-se também a influência chinesa nessas dinâmicas, já que a sede do banco está localizada em Xangai, refletindo o crescente poder econômico da China, que é a maior potência entre os membros dos BRICS.

Como mencionado na VI Cúpula dos BRICS, o NBD tem como objetivo fortalecer a cooperação entre os países membros e complementar os esforços de instituições financeiras multilaterais e regionais, visando garantir compromissos coletivos de crescimento contínuo. Assim, o “Banco dos BRICS” se configura como um mecanismo de institucionalização, embora limitado, que formaliza os objetivos e a atuação conjunta dos membros. A criação desse banco, ainda que simbólica, representa uma inovação financeira em nível internacional, oferecendo uma alternativa às instituições de Bretton Woods e desafiando a hegemonia ocidental na economia global. (Kanyane, 2022). De tal modo, para fins explicativos segue o quadro I em que se tem o resumo da série temporal da formação dos BRICS

Quadro I – Evolução da Sigla BRICS

| <b>Sigla</b> | <b>Ano de Origem/Formalização</b> | <b>Significado</b>                                                                                   |
|--------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>BRIC</b>  | 2001                              | Acrônimo criado por Jim O'Neill para Brasil, Rússia, Índia e China, destacando economias emergentes. |
| <b>IBSA</b>  | 2003                              | Bloco formado por Brasil, Índia e África do Sul, com foco em cooperação trilateral.                  |
| <b>RIC</b>   | 2001                              | Rússia, Índia e China, grupo com reuniões anuais para tratar de temas regionais e globais.           |
| <b>BRICS</b> | 2010                              | Inclusão da África do Sul no BRIC, fortalecendo a presença do grupo no Sul Global.                   |

Fonte: Autoria Própria

Compreendida a trajetória histórica do bloco, desde sua formação até suas movimentações mais recentes no cenário internacional, torna-se importante ressaltar como a inclusão de novos temas e a adesão de novos membros fortalecem seu poder e influência na construção de uma Nova Ordem Mundial (NOM). Assim, para fins explicativos segue o quadro I em que se tem o resumo da série temporal da formação dos BRICS.

### 3 BRICS E A NOVA ORDEM MUNDIAL: TEORIAS E PERSPECTIVAS

#### 3.1 NOVA ORDEM MUNDIAL

Em 1989, com o fim da Guerra Fria, instaurou-se uma lógica unipolar no sistema internacional, caracterizada pela supremacia do Bloco Ocidental e pela decadência da União Soviética. Os Estados Unidos emergiram como a única superpotência, consolidando-se devido à sua considerável capacidade de influência global. O debate sobre a construção de uma Nova Ordem Mundial ganhou força, refletindo as transformações e desafios do século XXI.

A formulação do termo Nova Ordem Mundial não é algo recente sendo utilizado ainda no início da segunda metade do século passado, expressando, em síntese um novo sistema de governança global que institucionaliza a cooperação e contém os conflitos, de modo a alcançar relativa paz e prosperidade, além de atingir os padrões mínimos de dignidade humana (Slaughter, 2004). Todavia, tal conceito é ineficiente para compreender os fenômenos de transformação na ordem global, visto que, devido aos processos de globalização há um contexto paradoxal em relação a governança do globo, visto que segundo Slaughter (2004) por mais que o mundo necessite de instituições globais capazes de solucionar problemas coletivos que só podem ser abordados em uma escala global, um governo mundial é algo indesejável e inviável, visto a centralização de poder de decisão e autoridade coercitiva se encontrar afastada do povo a ser governado.

Assim, para a autora, o dilema da governança passa por uma abordagem em que há a necessidade de regras em âmbito internacional, mas sem a existência de um poder centralizado e com atores governamentais capazes de serem responsabilizados por meio de mecanismos políticos (Slaughter, 2004). Nesse sentido, há a congruência de uma ordem global baseada em redes governamentais, as quais operariam, no lugar de instituições internacionais tradicionais, instaurando uma lógica transgovernamental no SI (Slaughter, 2004). Ainda, segundo Slaughter (2004) uma abordagem transgovernamental pode ser entendida como uma categoria mais ampla da atividade transnacional, de modo que segundo Robert O. Keohane e Joseph S. Nye (1974 p. 43) o conceito pode ser entendido “como conjuntos de interações diretas entre subunidades de diferentes governos que não são controladas ou orientadas de perto pelas políticas dos gabinetes ou executivos-chefes desses governos”.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Do original: “as sets of direct interactions among sub-units of different governments that are not controlled or closely guided by the policies of the cabinets or chief executives of those government”

Contudo, apesar de o termo não ser recente, a autora argumenta que o que é “novo” na atual conjuntura internacional é a escala em que esse fenômeno se manifesta. De tal modo, não é mais necessário contar com uma ampla gama de Estados para formar uma organização internacional, em vez disso, um certo grau de interconexão entre um número reduzido de países pode ser suficiente para configurar uma rede governamental (Slaughter, 2004). Essa dinâmica pode ocorrer mesmo de forma informal, dentro de um Sistema Internacional mais flexível (Slaughter, 2004).

Assim, a Nova Ordem Mundial passa a ser configurada não como um sistema capaz de garantir o bem-estar global, mas como:

uma estrutura conceitual diferente para a infraestrutura real da ordem mundial — uma ordem baseada em uma intrincada rede tridimensional de links entre instituições estatais desagregadas. isso incluiria redes horizontais e redes verticais; redes para coletar e compartilhar informações de todos os tipos, para coordenação de políticas, para cooperação de execução, para assistência técnica e treinamento, talvez, em última análise, para a criação de regras. Elas seriam bilaterais, plurilaterais, regionais ou globais. Tomadas em conjunto, elas forneceriam o esqueleto ou infraestrutura para a governança global (Slaughter, 2004, p. 15-16, tradução própria).<sup>6</sup>

A autora ressalta que a Nova Ordem Internacional é fundamentada em dinâmicas de poder, o que faz com que as redes governamentais, que operam paralelamente e, em alguns casos, dentro das organizações internacionais, desempenhem um papel crucial na estruturação de uma nova ordem global (Slaughter, 2004).

Nesse contexto, os BRICS emergem como atores centrais nos processos de reorganização da ordem vigente, não apenas por constituírem um grupo de países com características transgovernamentais, mas também por possuírem trunfos de poder que desafiam as configurações hegemônicas atuais. Com efeito, eles são capazes de propor alterações e reformas que visam à construção de uma ordem multipolar.

### 3.2 UMA PERSPECTIVA REALISTA DOS BRICS

Para compreender a atuação dos BRICS no cenário internacional, torna-se necessário recorrer às teorias de Relações Internacionais, que ajudam a identificar as possibilidades e limitações desses atores na construção de uma Nova Ordem Mundial. Na perspectiva realista,

---

<sup>6</sup> Do original: a different conceptual framework for the actual infrastructure of world order— an order based on an intricate three-dimensional web of links between disaggregated state institutions. These would include horizontal networks and vertical networks; networks for collecting and sharing information of all kinds, for policy coordination, for enforcement cooperation, for technical assistance and training, perhaps ultimately for rule making. They would be bilateral, plurilateral, regional, or global. Taken together, they would provide the skeleton or infrastructure for global governance.

os Estados são considerados os agentes centrais do sistema internacional, detendo maior relevância em relação a outros atores. Segundo Waltz (1979), o cenário internacional é descentralizado e anárquico, com todos os Estados formalmente iguais, entretanto, as diferenças entre eles emergem principalmente de suas capacidades de execução, e não de suas funções.

Para Waltz (1979), o Sistema Internacional é composto por unidades que interagem, no qual a sua estrutura é definida pelo arranjo dessas partes (países). Estas estruturas são caracterizadas pelas principais unidades políticas de um período, resultantes da coexistência dos Estados, que atuam sob o princípio da autoajuda, visando garantir sua própria segurança e interesses sem depender dos demais. Embora os Estados possam ter objetivos variados, a motivação primordial continua sendo a busca pela sobrevivência.

Os Estados, entendidos como unidades soberanas com autonomia para lidar com seus problemas internos e externos, têm a capacidade de decidir se buscam ou não assistência, mesmo que isso implique em limitações em sua liberdade e compromissos com terceiros. Segundo Waltz (1979), os Estados elaboram suas próprias estratégias para evitar vulnerabilidades, frequentemente formando alianças não para promover um ambiente colaborativo, mas para alcançar um equilíbrio de poder e garantir a segurança.

Desse modo, as alianças podem ser entendidas como um mecanismo de adaptação à estrutura de poder vigente. Ainda, é importante ressaltar que as estruturas internacionais se transformam por meio de mudanças no princípio organizador ou variações nas capacidades das unidades (Waltz, 1979).

Assim, os BRICS se configuram como uma iniciativa conjunta destinada a ampliar sua capacidade de influência no Sistema Internacional, desafiando o *status quo* dominado pelos países do Norte Global. Sob uma perspectiva realista, a formação de alianças é uma estratégia inerente aos Estados, apesar das limitações que isso possa impor. Nesse sentido, os BRICS emergem como uma aliança geopolítica e econômica que busca questionar a ordem atual, impulsionada pelo aumento das capacidades de seus membros, especialmente China e Rússia.

O caráter descentralizado dos BRICS permite a inclusão de diversas perspectivas dentro do acrônimo. Embora compartilhem objetivos em comum, cada país conduz suas próprias agendas e prioridades. Essa dinâmica ressalta o protagonismo dos Estados e as peculiaridades do grupo, pois a informalidade da aliança não impõe limitações severas ou altos encargos a seus membros. Assim, apesar de seus interesses compartilhados, os países têm a liberdade de atuar de maneira autônoma no Sistema Internacional, conforme suas capacidades. Contudo, uma abordagem que se concentre apenas em termos estatais e de poder não oferece uma

compreensão abrangente da atuação dos BRICS, tornando necessário recorrer a outras teorias, como o construtivismo.

### 3.3 UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA DOS BRICS

A abordagem clássica do realismo nas teorias de Relações Internacionais prioriza uma análise centrada em aspectos materiais. Em contrapartida, o construtivismo incorpora elementos adicionais para compreender a atuação estatal no cenário internacional, incluindo fatores sociais e de identidade. Para Wendt (1999), a política internacional é socialmente construída, o que implica que as estruturas sociais e do Sistema Internacional devem ser entendidas através da interação de ideias compartilhadas e suas influências na formação das identidades estatais.

Para Wendt (1999), a abordagem realista enfatiza os interesses estatais a partir de uma perspectiva materialista, enquanto o construtivismo analisa essas percepções com base em significados compartilhados, que são construídos ao longo do tempo por meio de interações. Dessa forma, ao considerar os aspectos constitutivos da realidade social, torna-se possível compreender como os Estados formam alianças e percebem ameaças, reconhecendo que suas decisões estratégicas são moldadas por fatores coletivos e não apenas materialistas. Assim, o conceito de poder e interesse é socialmente construído, com a distribuição de ideias desempenhando um papel central. Os interesses dos Estados são formulados em resposta a ideias e normas sociais, pois suas ações são guiadas por percepções e valores compartilhados.

Os Estados são vistos como agentes com a capacidade de tomar decisões e buscar seus interesses, mas é importante destacar que seus objetivos não são fixos e podem variar conforme o contexto e as interações (Wendt, 1999). As relações e estruturas do Sistema Internacional são socialmente construídas, porém, mutáveis:

uma vez constituído, qualquer sistema social confronta cada um de seus membros como um fato social objetivo que reforça certos comportamentos e desencoraja outros. Os sistemas de autoajuda, por exemplo, tendem a recompensar a competição e punir o altruísmo. A mudança depende de se as exigências de tal competição deixam espaço para ações que desviam do roteiro prescrito. Se elas não o fazem, o sistema será reproduzido e os atores desviantes não o serão. A segunda razão é a de que a mudança sistêmica pode também ser inibida pelos interesses dos atores em manter funções de identidades relativamente estáveis. Tais interesses são enraizados não somente no desejo de minimizar a incerteza e a ansiedade, manifestos em esforços para confirmar crenças existentes acerca do mundo social, mas também no desejo de evitar os custos esperados da quebra de compromettimentos feitos a outros – notavelmente, os eleitorados domésticos e as alianças externas, no caso dos estados – como parte de práticas do passado. O nível de resistência que esses compromettimentos induzem

dependerá da “saliência” da função das identidades particulares ao ator (Wendt, 2013, p. 449-450).

Assim, os processos de mudança estrutural podem ser entendidos a partir das identidades e interesses dos Estados. A formação de identidades coletivas e alianças influencia o comportamento dos Estados e facilita a transição entre diferentes tipos de culturas anárquicas. Entretanto, através da seleção cultural — um conjunto de normas e práticas aceitas e transmitidas ao longo do tempo — é possível promover a formação de identidades coletivas e incentivar comportamentos colaborativos (Wendt, 1999). As transformações no Sistema Internacional não seguem um padrão simples ou previsível, haja vista que a complexidade das relações entre os países e as influências culturais são fundamentais para entender as mudanças que ocorrem no cenário global.

Para além dos interesses individuais, os BRICS se inserem em uma lógica construtivista, pois, desde a origem da coalizão, os países membros buscam criar uma identidade coletiva como nações do Sul Global, operando sob uma lógica Sul-Sul, uma vez que foram impedidos de terem participação ativa em instituições ocidentais, como o G-7 e as organizações de Bretton Woods. Além disso, o fortalecimento das relações entre os BRICS acontece de forma identitária, refletindo suas ambições de transformar a governança internacional.

Como destacado por Wendt (1999), há pouco espaço para mudanças sistêmicas, mas os BRICS conseguiram avanços significativos na reforma do Sistema Internacional, especialmente no âmbito econômico, como as mudanças já mencionadas no FMI e no Banco Mundial. Entretanto, apesar de buscarem consolidar uma identidade própria, as discrepâncias internas entre seus membros e as diferenças de interesses enfraquecem o bloco, criando dificuldades para a construção de uma Nova Ordem Mundial.

### 3.4 BINÔMIO BRICS-ESTADOS UNIDOS

Como mencionado, os BRICS surgem com uma perspectiva reformista, buscando maior protagonismo no Sistema Internacional e mudanças nas estruturas vigentes. Contudo, há a percepção de líderes ocidentais que a intensificação da cooperação entre os BRICS representa uma ameaça à ordem liberal capitaneada pelos Estados Unidos (Abdenur, 2017).

De acordo com Mabucanhane (2014), o século passado conferiu aos Estados Unidos diversas vantagens estratégicas, como o controle de grandes fontes de energia, a ocupação de Estados da antiga União Soviética e a inviabilização da militarização da União Europeia fora

da OTAN. Ademais, o país impediu a remilitarização do Japão e da Rússia, consolidando sua hegemonia militar e econômica. Nesse contexto, os Estados Unidos se configuram como uma superpotência, não apenas devido ao seu poder militar, mas também por seu papel significativo na economia e política internacional, além da capacidade de projetar seus valores e interesses além de suas fronteiras. (Mearsheimer, 2001)

Para Mearsheimer (2001), um dos principais objetivos de uma grande potência é se estabelecer como uma hegemonia regional, já que a global é inviável, sendo os Estados Unidos a única potência regional na história moderna. Com esse status hegemônico alcançado, a potência busca impedir que rivais em outras regiões se tornem hegemônicos, temendo que possam perturbar o equilíbrio de poder. Assim, a preferência é por grandes potências em regiões estratégicas, onde a competição entre elas dificultaria o surgimento de uma nova potência regional:

Mas mesmo que um *hegemon* potencial entre em cena em outra região, a primeira preferência do *hegemon* distante seria ficar de lado e permitir que as grandes potências locais controlassem a ameaça. Isso é a transferência de responsabilidade por excelência em jogo, [...]. Se as grandes potências locais não puderem conter a ameaça, no entanto, o *hegemon* distante se moveria e se equilibraria contra ela. Embora seu objetivo principal fosse a contenção, o *hegemon* distante também procuraria oportunidades para minar a ameaça e restabelecer um equilíbrio de poder na região, para que pudesse retornar para casa. Em essência, os *hegemons* regionais agem como equilibradores offshore em outras áreas do mundo, embora prefiram ser o equilibrador de último recurso (Mearsheimer, 2001, p.141, tradução própria).<sup>7</sup>

Nesse contexto, em 2001, já se previa a ascensão da China no cenário internacional. No entanto, considerando os objetivos realistas de um *hegemon* que busca conter o surgimento de novas potências desafiadoras, os Estados Unidos falharam em relação à China. Embora a China não se encaixe completamente nos critérios de uma superpotência, a dinâmica de competição regional é afetada pela presença dos BRICS. À luz de Mearsheimer, esperava-se a indução de um ambiente hostil entre Rússia, China e Índia, onde cada um minaria as capacidades de hegemonia dos outros, especialmente a da China. Contudo, os BRICS estabeleceram uma lógica de cooperação na Ásia, unindo as potências regionais em torno de objetivos comuns e de se fortalecerem frente aos Estados Unidos. A adesão do Brasil aos BRICS não destituiu os Estados Unidos de seu status hegemônico na região, já que ainda não existem atores capazes de competir

---

<sup>7</sup> Do original: but even if a potential hegemon comes on the scene in another region, the distant hegemon's first preference would be to stand aside and allow the local great powers to check the threat. This is quintessential buck-passing at play, [...]. If the local great powers cannot contain the threat, however, the distant hegemon would move in and balance against it. Although its main goal would be containment, the distant hegemon would also look for opportunities to undermine the threat and reestablish a rough balance of power in the region, so that it could return home. In essence, regional hegemons act as offshore balancers in other areas of the world, although they prefer to be the balancer of last resort

com essa posição na América. No entanto, esse arranjo político reduz a influência dos EUA na América do Sul. De modo que, o caráter identitário e cooperativo dos BRICS torna o Brasil menos vulnerável à influência de Washington.

Mearsheimer (2001) enfatiza a importância do poder econômico para uma grande potência, que busca maximizar a riqueza global sob seu controle. Isso não apenas garante uma economia dinâmica e robusta que promova o bem-estar, mas também oferece uma base sólida para obter vantagens militares sobre rivais.

Em 2001, o Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amigável fortaleceu as relações bilaterais entre China e Rússia, também visando conter a influência dos EUA na região (Chun, 2013). Essa cooperação resultou em melhorias significativas no setor de produção militar chinês, levando ao desenvolvimento de armas mais sofisticadas e à redução das importações de armamentos russos na segunda metade da década de 2000, à medida que a produção doméstica aumentava. Durante as duas primeiras décadas do século XXI, o orçamento militar da China cresceu consideravelmente, sem incluir as importações de armamentos e o financiamento de P&D militar, que são registrados separadamente (Pradt, 2016).

O rápido crescimento econômico da China desafia o poder dos Estados Unidos no Sistema Internacional. Com efeito, a China adquire maior relevância global e adota uma postura crítica em relação aos EUA, que são vistos como responsáveis por instabilidades econômicas devido ao uso de sua hegemonia para impor sanções unilaterais e suprimir concorrentes, interferindo em transações comerciais (China, 2023).

Wohlforth (1999) argumenta que a unipolaridade seria a configuração mais estável e pacífica para o Sistema Internacional, ressaltando que, no final dos anos 1990, nenhum país tinha capacidade de desafiar a hegemonia dos Estados Unidos devido a suas amplas capacidades e aos limites impostos pelo crescimento econômico desacelerado de potenciais rivais. Embora a China enfrente atualmente um abrandamento em suas taxas de crescimento, o país amplia suas iniciativas e parcerias estratégicas para contestar a hegemonia americana em diversas frentes, de modo que os BRICS ganham centralidade nesses aspectos.

Na perspectiva chinesa, os Estados Unidos, ao liderar o estabelecimento de Bretton Woods, garantiram a hegemonia do dólar americano como a principal moeda global. Isso resultou em formas de coação e estratégia político-econômica através do controle monetário. Durante a pandemia de Covid-19, os EUA injetaram bilhões de dólares no mercado global, enquanto as economias emergentes não tinham recursos semelhantes para enfrentar os impactos econômicos da crise sanitária, de modo que, essa posição monetária dominante permitiu aos Estados Unidos evitar colapsos significativos em sua economia (China, 2023a).

Ainda, como defendido por Mearsheimer (2001) há uma correlação entre poderio econômico e militar, de modo que a perspectiva militarista dos membros formadores dos BRICS se concentra sobretudo na figura de Rússia e China. De tal modo, ainda antes da formação dos BRICS em 2009, o processo de modernização militar da China, influenciado pela decadência da União Soviética, permitiu ao país adquirir sistemas de armas soviéticos devido à necessidade russa de obter recursos, resultando em um nível sem precedentes de aquisição de equipamentos (Pradt, 2016). Apesar do volume significativo de transações econômicas entre os dois países, a China buscava a cooperação russa para transferência de conhecimento tecnológico-militar, o que levou a acordos de cooperação e licenciamento (Pradt, 2016).

Vale ressaltar, também, no que tange ao componente militar, que as primeiras interações entre China, Rússia e Índia incorporavam a temática de segurança, em especial em relação ao combate ao terrorismo, conforme já evidenciado. Adriana Abdenur (2017) destaca o caráter lento e fragmentado da cooperação dos BRICS, mas ressalta que ações dos países em tema de segurança internacional tende a despertar críticas, em especial quando a coalização se baseia no discurso de soberania nacional. Porém, segundo a autora, apesar da heterogeneidade, os cinco países compartilham de interesses em comum na área de segurança, visto suas lideranças promoverem discursos de paz e estabilidade de longo prazo, a despeito de possuírem concepções distintas de como tal *status quo* seria alcançado (Abdenur, 2017).

No que diz respeito ao caráter reformista dos BRICS, seus membros frequentemente manifestam ceticismo em relação às abordagens tradicionais para a resolução de conflitos internacionais, demandando mecanismos mais eficazes para lidar com guerras, especialmente considerando a natureza mutável dos conflitos (Abdenur, 2017). Embora busquem cooperação na área de segurança, os BRICS não formam uma aliança de defesa, mas se configuram como um ator relevante, pois dois de seus membros (China e Rússia) são permanentes no Conselho de Segurança da ONU e três (China, Rússia e Índia) possuem armamento nuclear. Apesar de sua estrutura descentralizada, os BRICS atuam como um importante contraponto à hegemonia militar dos Estados Unidos, mas em conjunto têm a capacidade de desafiar a sua influência, mesmo que individualmente não possuam força expressiva.

### 3.5 AGENDA BRICS E NOVOS MEMBROS

Como já demonstrado, em sua gênese, os BRICS possuíam caráter predominantemente econômico. No entanto, ao longo dos anos, e em resposta às transformações no Sistema

Internacional impulsionadas por diferentes conjunturas, a agenda comum desses países se diversificou, incorporando uma variedade de temas. Para Larionova (2018), a agenda BRICS passou a incluir questões sociais, evidenciando o compromisso com a provisão de bens públicos para os cidadãos dos países membros. Além de questões sociais, temas de saúde, desenvolvimento, inovação científica ganharam maior notoriedade, figurando de forma mais proeminente nos discursos em comparação às questões políticas e de segurança (Larionova, 2018). Ainda, temas como proteção ambiental, energia renovável e tecnologias energéticas incorporam a agenda BRICS desde a primeira cúpula, de modo que por meio de reuniões frequentes, seus membros estabeleceram uma agenda constante que compreende tanto aspectos econômicos, como sociais e políticos (Larionova, 2018).

Nesse sentido, a agenda dos BRICS é de suma importância pois permite identificar os interesses e projeções dos países no Sistema Internacional, valendo ressaltar que a atuação dos BRICS é orientada por valores em comum, de modo que,

Esses valores incluem o multilateralismo; a natureza indivisível da segurança; a democracia nas relações internacionais; a tomada de decisões inclusivas com base em normas universalmente reconhecidas do direito internacional; uma abordagem abrangente, concertada e determinada para estabelecer uma paz sustentável com base na confiança mútua, benefício mútuo, equidade e cooperação; e a inadmissibilidade de intervenções militares unilaterais e sanções econômicas (Larionova, 2018, p. 8, tradução própria).<sup>8</sup>

Assim, compreender os valores e a agenda dos BRICS é fundamental, pois esses elementos se tornam fatores importantes nas projeções reformistas desempenhadas pelo grupo em direção a uma Nova Ordem Mundial. De tal forma, é possível identificar não apenas os principais eixos temáticos de atuação, mas também os valores identitários que orientam e são almejados pelos seus membros. Contudo, apesar das diferenças internas, uma agenda compartilhada e valores comuns minimiza as diferenças internas dos BRICS e evidencia, para além de suas potencialidades a forma como seus membros se opõem à hegemonia estadunidense.

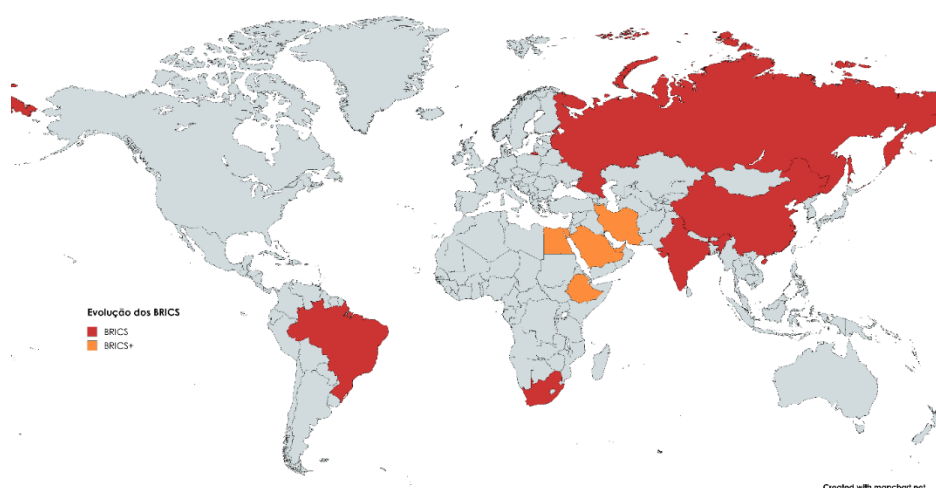
Em tal contexto, as recentes discussões sobre a incorporação de novos membros aos BRICS ganham relevância de modo que a adesão de Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã possibilita não só a possibilidade de novos mercados e vantagens econômicas, mas sim a ampliação da esfera de influência dos BRICS. Nesse sentido, tais países

---

<sup>8</sup> Do original: those values include multilateralism; the indivisible nature of security; democracy in international relations; inclusive decision making based on universally recognized norms of international law; a comprehensive, concerted and determined approach to establishing sustainable peace based on mutual trust, mutual benefit, equity and cooperation; and the inadmissibility of unilateral military interventions and economic sanctions

possuem posições geográficas estratégicas, conforme pode ser visto na imagem 1, pois estão presentes em regiões onde a influência dos Estados Unidos e do Ocidente possui grande resistência (Oriente Médio e Norte da África). Contudo, por mais que a constituição dos BRICS+ possua forte caráter estratégico dentro de um ordenamento de uma Nova Ordem Mundial, para Nikita Degtyaryov, Yevgeny Kholodnov e Leonid Tsukanov (2021) por mais que os países compartilhem de desafios comuns no cenário internacional, isto não implica, necessariamente em uma visão compartilhada, de modo que os novos membros trazem consigo novas abordagens para a definição de um posicionamento comum.

Imagem I – Mapa BRICS e BRICS +



Fonte: Elaboração própria, MapChart

. Nesse sentido, ao aderir novos países, os BRICS tendem a incorporar novos aspectos identitários que reflitam as características e interesses de tais países, embora, não seja esperado grandes transformações nos posicionamentos, valores e atuações dos BRICS. Todavia, devido à escassez de literatura sobre o tema, é difícil teorizar sobre os impactos do BRICS+ na formulação da Nova Ordem Mundial, o que demanda uma análise empírica, tanto quantitativa quanto qualitativa, com base nos dados disponíveis.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

## 4.1 METODOLOGIA

Para analisar empiricamente os impactos da adesão de novos membros aos BRICS, realiza-se uma análise econométrica com o intuito de testar estatisticamente a hipótese do trabalho. Assim, a metodologia de dados em painel foi escolhida por permitir avaliar como uma variável muda ao longo do tempo dentro de cada país e, comparativamente, entre os diferentes países do painel. (Wooldridge, 2006).

Assim, a utilização de dados em painel como metodologia de trabalho visa uma abordagem versátil para analisar a expansão dos BRICS. De tal modo, considerando a escassez de estudos sobre a temática, a aplicação de dados em painel se destaca pela capacidade de gerar uma compreensão mais profunda e confiável, contribuindo para preencher lacunas na literatura. Além disso, sua utilização em áreas ainda pouco exploradas reforça a originalidade do trabalho, abrindo novas perspectivas de análise e oferecendo evidências empíricas.

Para tanto, foram utilizadas ao todo quatorze variáveis: oito variáveis econômicas (exportações em US\$ milhões, importações em US\$ milhões, PIB per capita, produção de petróleo em milhares de barris por dia, população em milhões, taxa de câmbio e taxa de juros), três variáveis políticas (Voz e responsabilidade, estabilidade política e ausência de violência, e Estado de Direito) e duas variáveis militares (despesas militares em US\$ correntes e gasto militar como percentual do PIB). Neste exercício, foram utilizados dados de 2000 até 2022 dos membros originários do acrônimo, bem como dos novos membros anunciados.

Para o desenvolvimento das análises, faz-se necessário definir as variáveis dependentes ou independentes. A variável dependente é aquela a ser explicada no modelo econométrico em questão, ou seja, refere-se a que sofre influência de outras variáveis do modelo. Por outro lado, as variáveis independentes ou explicativas são aquelas que se acreditar ter efeito sobre a variável dependente (Wooldridge, 2006).

O modelo de regressão simples com dados em painel considera a relação entre a variável dependente (Y) e uma única variável independente (X), tendo por objetivo traçar uma reta que melhor se ajuste aos dados, sendo que o modelo matemático de tal regressão é dado por  $Y = \beta_0 + \beta_1 X + \epsilon$ , onde  $\beta_0$  é o intercepto da regressão, ou melhor, o valor que Y assume quando X é zero;  $\beta_1$  é o coeficiente da variável independente, ou seja, representa a mudança esperada em Y a cada unidade de mudança de X; e, por último,  $\epsilon$  é o termo de erro, que captura a variação em Y não explicada (Wooldridge, 2006). Com base na equação estimada torna-se possível interpretar os resultados, visto que  $\beta_1$  indica a força e direção da relação entre X e Y, por exemplo, se for

positivo, demonstra que um aumento de  $X$  está associado a um aumento em  $Y$ , enquanto o contrário também é verdade (Wooldridge, 2006).

No caso da regressão múltipla, considera-se um número maior de variáveis explicativas. O objetivo é modelar as relações entre a variável dependente e as demais independentes, permitindo uma análise com maior grau de complexibilidade (Wooldridge, 2006). O modelo em questão pode ser representado pela seguinte equação  $Y = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots + \beta_k X_k + \epsilon$ , onde  $Y$ ,  $\beta_0$ ,  $\epsilon$ , assumem as mesmas funções da equação da regressão simples, ao passo que  $\beta_1$ ,  $\beta_2, \dots, \beta_k$ , são os coeficientes das variáveis independentes  $X_1, X_2, \dots, X_k$  (Wooldridge, 2006). Assim, os coeficientes  $\beta_i$  captam as respostas esperadas em  $Y$  (na variável dependente) quando há uma mudança ou variação nas variáveis explicativas ( $X_i$ ), tudo mais constante, ou seja, os  $\beta_i$ 's mostram o impacto de uma mudança ou variação em cada uma das variáveis independentes ( $X_i$ ) sobre a variável dependente ( $Y$ ) (Wooldridge, 2006).

Segundo Wooldridge (2006), os cinco principais métodos para análise de dados em painel são:

1. **Pooled OLS**: trata os dados como um conjunto único, ignorando as diferenças entre as unidades (como países), sem capturar efeitos específicos de cada unidade;
2. **Efeitos Fixos (FE)**: controla para características não observáveis de cada unidade que não mudam ao longo do tempo, permitindo isolar o efeito das variáveis de interesse dentro de cada unidade;
3. **Efeitos Aleatórios (RE)**: assume que as características não observáveis variam entre unidades, mas de forma aleatória e independente, o que permite incluir variáveis de características que não mudam ao longo do tempo;<sup>9</sup>
4. **GMM Difference**: usa variáveis instrumentais internas para lidar com endogeneidade, aplicando primeiro as diferenças entre períodos e focando na variação ao longo do tempo para remover efeitos fixos; e
5. **GMM System**: uma extensão do GMM Difference, combina a abordagem em diferenças e em níveis, otimizando a eficiência e adequação a dados com maior persistência temporal.

---

<sup>9</sup> Segundo Wooldridge (2006), o Teste de Hausmann é utilizado para determinar se um modelo de efeitos aleatórios é apropriado em relação a um modelo de efeitos fixos, de modo que o teste avalia os estimados dos dois modelos, evidenciando, assim, a consistência de cada um dos modelos. O teste parte de duas hipóteses, hipótese nula ( $H_0$ ) e hipótese alternativa ( $H_1$ ), onde em  $H_0$  os estimadores de efeitos aleatórios são consistentes e eficientes, o que indica que não há correlação entre os efeitos observados e as variáveis independentes, e em  $H_1$  onde os estimadores de efeitos aleatórios são inconsistentes, ou seja, que existe correlação entre os efeitos observados e as variáveis independentes.

Esses métodos variam na forma de lidar com heterogeneidade, dependência temporal e endogeneidade, oferecendo opções para diferentes necessidades analíticas em dados em painel. O Método dos Momentos Generalizados (GMM), em particular, baseia-se na ideia em que é possível utilizar condições de momento. O GMM *Difference*, por sua vez, é utilizado para eliminar efeitos não observáveis, ao passo que o GMM System é útil quando a inclusão de variáveis dependentes defasadas e efeitos não observados é necessária, permitindo, assim uma estimativa mais eficiente.

Ainda, as condições de momento relacionam as variáveis observadas e os parâmetros desconhecidos, com o intuito de buscar uma solução que minimize a diferença entre as condições de momento estimadas e as condições teóricas. Este método possui a vantagem de poder ser aplicado a uma gama ampla de modelos, incluindo aqueles com variáveis endógenas e com erros correlacionados que, sob certas condições, são consistentes, ou seja, com o aumento no tamanho da amostra há uma convergência para o verdadeiro valor do parâmetro (Wooldridge, 2001).

## 4.2 RESULTADOS

Por meio do método de dados em painel, foram inicialmente estimados três modelos. Em todos os modelos, são incluídas variáveis econômicas, políticas e militares. Com efeito, torna-se possível testar a hipótese dos impactos da expansão dos BRICS sobre a hegemonia norte-americana, em particular, identificando quais variáveis são relevantes. Assim, a variável dependente é representada pelas reservas internacionais, porque o dólar funciona como um instrumento de influência global dos Estados Unidos, por garantir aos estadunidenses um maior controle sobre as transações internacionais.

No âmbito político, as reservas internacionais permitem que os Estados Unidos projetem sua influência em fóruns e negociações internacionais, bem como em decisões sobre acordos e sanções comerciais. No que tange ao aspecto militar, reservas internacionais robustas são fundamentais para sustentar e expandir a capacidade militar dos Estados Unidos, permitindo-lhes projetar poder e influência em todo o globo.

O modelo 1 considera cinco variáveis explicativas: reservas internacionais (variável dependente), taxa de câmbio, produção de petróleo, estabilidade política e gastos militares como percentual do PIB. No modelo 2, as variáveis incluídas são: reservas internacionais (variável dependente), PIB per capita, exportações, Estado de Direito (Rule of Law) e número

de soldados. Finalmente, o modelo 3 incorpora: reservas internacionais (variável dependente), taxa de juros, exportações, gastos militares e Voz e Responsabilidade (VA). Os resultados econométricos estão apresentados nas tabelas a seguir.

Tabela 1 – Estimativas do Modelos 1 para a Variável Dependente: Reservas Internacionais

| Variáveis                 | Polled                 | Fixos                  | Aleatórios             | GMM<br>Difference      | GMM<br>System          |
|---------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|
| Variáveis<br>Explicativas | Coeficientes<br>(prob) | Coeficientes<br>(prob) | Coeficientes<br>(prob) | Coeficientes<br>(prob) | Coeficientes<br>(prob) |
| Cambio                    | -0.0460<br>(0.619)     | 0.0999<br>(0.286)      | 0.0851<br>(0.0913)     | -0.1666<br>(0.528)     | 0.2734<br>(0.2244)     |
| Petróleo<br>(1000b/d)     | -0.0134<br>(0.851)     | 0.0221<br>(0.760)      | 0.0180<br>(0.0709)     | -0.1326<br>(0.382)     | 0.2182<br>(0.1726)     |
| Estabilidade<br>Política  | -0.1509<br>(0.158)     | -0.1599<br>(0.172)     | -0.1544<br>(0.1134)    | 0.2008<br>(0.242)      | 0.4807***<br>(0.1332)  |
| Gastos<br>Militares       | 0.1591***<br>(0.057)   | -0.0500<br>(0.657)     | -0.0244<br>(0.1073)    | -0.4003<br>(0.314)     | 0.3098<br>(0.3040)     |
| Constante                 | 114.3827***<br>(0.000) | 116.2955***<br>(0.000) | 115.5186***<br>(0.000) | -<br>-                 | -<br>-                 |
| AR(1)                     | -                      | -                      | -                      | 0.208                  | 0.287                  |
| AR(2)                     | -                      | -                      | -                      | 0.399                  | 0.901                  |
| Sargan Test               |                        |                        |                        | 0.004                  | 0.000                  |
| Hansen Test               | -                      | -                      | -                      | 1.000                  | 1.000                  |
| Diff Hansen<br>Test       | -                      | -                      | -                      | -                      | 1.000                  |
| Teste de<br>Hausman       | -                      | Prob > chi2 = 0.9505   |                        | -                      | -                      |
| Número de<br>Observações  | 230                    | 230                    | 230                    | 220                    | 230                    |

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados obtidos no Stata 16.

\*, \*\*, \*\*\* Representa Significância a 10%, 5% e 1%, respectivamente.

A análise do modelo OLS *Pooled* identificou apenas duas variáveis significativas: os gastos militares (% do PIB) e a estabilidade política. Os gastos militares apresentaram um coeficiente positivo e significativo, indicando que seu aumento está relacionado ao crescimento das reservas internacionais. Em contraste, a estabilidade política mostrou um coeficiente negativo, sugerindo uma relação inversa com as reservas. Nenhuma outra variável econômica obteve resultados significativos, e o baixo R-quadrado indica que o modelo tem uma capacidade limitada de explicar as variações nas reservas, sugerindo a existência de fatores não considerados na análise.

Nos demais modelos, o resultado obtido foi similar. No Modelo de Efeitos Fixos, nenhum coeficiente se mostrou significativo, enquanto o Modelo de Efeitos Aleatórios apresentou um melhor ajuste, ainda que sem significância estatística, sendo considerado adequado pelo Teste de Hausman. No modelo em GMM *Difference*, nenhum coeficiente foi significativo, e o Teste de Sargan apontou problemas de validade nos instrumentos. Já no modelo GMM *System*, a estabilidade política apresentou um coeficiente positivo e significativo (0,481), revelando que um ambiente político estável está positivamente associado ao aumento das reservas internacionais, o que sugere a importância da estabilidade política na criação de um contexto favorável à acumulação de reservas.

Tendo em vista os resultados preliminares obtidos, é possível constar que tanto aspectos identitários quanto matérias são relevantes para a compreensão dos BRICS+ no modelo escolhido. Assim, a ausência de significância das variáveis econômicas sugere que, embora o caráter econômico dos BRICS seja central, fatores identitários, como a estabilidade política, tornam-se ainda mais relevantes. No modelo GMM *System*, a estabilidade política apresentou um coeficiente positivo e significativo, sugerindo que o sucesso dos BRICS+ em sua projeção internacional está vinculado à estabilidade interna. Além disso, embora a segurança não seja o foco principal da agenda dos BRICS, a expansão do bloco tende a reforçar os aspectos de defesa, posicionando os BRICS+ como um ator relevante no campo militar.

No modelo 2, por sua vez, os resultados por OLS *Polled* revelam que apenas uma das quatro variáveis analisadas obteve coeficiente estatisticamente significativo, sendo a variável política, *Rule of Law*, com p-valor de 0,005, indicando ter um efeito estaticamente relevante à 1%, destacando, assim, a importância de instituições sólidas no modelo. O Modelo de Efeito Fixos nenhuma das variáveis apresentou modelos estatisticamente significativos, de modo que o baixo valor em R-quadrado sugere que as variações nas variáveis independentes pouco

impactam na variável dependente. Já o modelo de Efeitos Aleatórios também indica que as variáveis independentes não explicam as variações nas reservas internacionais, valendo ressaltar que o Teste de Hausman ao apresentar um p-valor de 0,8092 confirma a consistência do modelo de Efeitos Aleatórios. Contudo, no GMM System, as variáveis *Rule of Law* e número de soldados se mostraram estatisticamente significantes, indicando uma relação positiva com a variável dependente. Os resultados do modelo podem ser encontrados na tabela a seguir.

Tabela 2 – Estimativas do Modelos 2 para a Variável Dependente: Reservas Internacionais

| Variáveis                 | Polled                 | Fixos                  | Aleatórios             | GMM<br>Difference      | GMM<br>System          |
|---------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|
| Variáveis<br>Explicativas | Coeficientes<br>(prob) | Coeficientes<br>(prob) | Coeficientes<br>(prob) | Coeficientes<br>(prob) | Coeficientes<br>(prob) |
| PIB                       | 0.0039                 | -0.0859                | -0.0789                | -0.1130                | 0.1240                 |
| per capita                | (0.951)                | (0.146)                | (0.174)                | (0.227)                | (0.216)                |
| Exportações               | 0.0584                 | -0.0223                | -0.0162                | -0.0870                | 0.1568                 |
|                           | (0.377)                | (0.706)                | (0.782)                | (0.497)                | (0.355)                |
| Role of Law               | 0.3690***              | 0.1697                 | 0.1899                 | -0.1039                | 0.9533***              |
|                           | (0.005)                | (0.217)                | (0.156)                | (0.706)                | (0.007)                |
| Número de<br>Soldados     | 0.1376                 | 0.2245                 | 0.2211                 | 0.2113                 | 0.5297**               |
|                           | (0.263)                | (0.175)                | (0.156)                | (0.447)                | (0.021)                |
| Constante                 | 79.1107***             | 104.4423***            | 102.4373***            | -                      | -                      |
|                           | (0.000)                | (0.000)                | (0.000)                |                        |                        |
| AR(1)                     | -                      | -                      | -                      | 0.244                  | 0.229                  |
| AR(2)                     | -                      | -                      | -                      | 0.881                  | 0.769                  |
| Sargan Test               |                        |                        |                        | 0.002                  | 0,04                   |
| Hansen Test               | -                      | -                      | -                      | 1.000                  | 1.000                  |
| Diff Hansen<br>Test       | -                      | -                      | -                      | -                      | 1.000                  |
| Teste de<br>Hausman       | -                      | Prob > chi2 = 0.8092   |                        | -                      | -                      |
| Número de<br>Observações  | 229                    | 229                    | 229                    | 220                    | 229                    |

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados obtidos no Stata 16

\*, \*\*, \*\*\* Representa Significância a 10%, 5% e 1%, respectivamente

Os resultados obtidos no segundo modelo corroboram as perspectivas identificadas no primeiro, indicando que apenas as variáveis políticas e militares apresentaram significância estatística. Nesse contexto, observa-se que a construção de uma identidade estável, que assegura aos indivíduos o acesso a direitos básicos, tende a contribuir para o aumento das reservas internacionais, assim como, a formação de um exército numeroso. Desse modo, na formulação de uma Nova Ordem Mundial, tanto os aspectos identitários quanto os materialistas têm se mostrado de grande relevância para a reforma do sistema.

Tabela 3 – Estimativas do Modelos 3 para a Variável Dependente: Reservas Internacionais

| Variáveis Explicativas   | Polled<br>Coeficientes<br>(prob) | Fixos<br>Coeficientes<br>(prob) | Aleatórios<br>Coeficientes<br>(prob) | GMM<br>Difference<br>Coeficientes<br>(prob) | GMM<br>System<br>Coeficientes<br>(prob) |
|--------------------------|----------------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------------|
| Juros                    | -0.207<br>(0.340)                | -0.314<br>(0.165)               | -0.300<br>(0.173)                    | 0.0845<br>(0.850)                           | -0.314<br>(0.500)                       |
| Exportações              | 0.043<br>(0.506)                 | -0.024<br>(0.684)               | -0.019<br>(0.737)                    | -0.0362<br>(0.820)                          | 0.224<br>(0.151)                        |
| Gastos                   | 0.049<br>(0.448)                 | 0.068<br>(0.252)                | 0.065<br>(0.263)                     | -0.3208<br>(0.250)                          | 0.523***<br>(0.001)                     |
| Voice and Accountability | 0.240*<br>(0.059)                | 0.058<br>(0.718)                | 0.081<br>(0.598)                     | 0.1999<br>(0.284)                           | 0.610**<br>(0.05)                       |
| Constante                | 92.956***<br>(0.000)             | 110.835***<br>(0.000)           | 109.061***<br>(0.000)                | -<br>-                                      | -<br>-                                  |
| AR(1)                    | -                                | -                               | -                                    | 0.194                                       | 0.150                                   |
| AR(2)                    | -                                | -                               | -                                    | 0.638                                       | 0.670                                   |
| Sargan Test              | -                                | -                               | -                                    | 0.005                                       | 0,114                                   |
| Hansen Test              | -                                | -                               | -                                    | 1.000                                       | 1.000                                   |
| Diff Hansen Test         | -                                | -                               | -                                    | -                                           | 1.000                                   |
| Teste de Hausman         | Prob > chi2 = 0.9830             |                                 |                                      | -                                           | -                                       |
| Número de Observações    | 230                              | 230                             | 230                                  | 230                                         | 230                                     |

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados obtidos no Stata 16  
 \*, \*\*, \*\*\* Representa Significância a 10%, 5% e 1%, respectivamente

Já o modelo 3 apresenta certas peculiaridades em relação aos modelos anteriores. A análise de *OLS Polled*, (vide tabela 3) explica apenas 2,12% das variações das reservas internacionais, valendo destacar que apenas VA apresenta um resultado positivo e significativo ao nível de 5%. Como é possível observar, o modelo de Efeitos Fixos também apresentou um baixo R-quadrado, o que implica em uma baixa capacidade explicativa do modelo, além de nenhuma variável ter sido estatisticamente significativa. O Modelo de Efeitos Aleatórios apresentou um ajuste superior, mas sem coeficientes negativos. No modelo *GMM Difference*, os gastos militares obtiveram resultado positivo e significativo (0,523) ao nível de 1%, assim como a variável VA, que teve um coeficiente positivo (0,6104) e significativo ao nível de 10%, sugerindo uma possível relação positiva com a variável dependente.

Com base no terceiro modelo é possível afirmar de maneira mais robusta que os contornos políticos e militares possuem maior relevância na expansão dos BRICS e, conseqüentemente, no questionamento da hegemonia dos Estados Unidos. Assim, ao se obter pela terceira vez resultados significativos e positivos em relação às variáveis políticas e econômicas, os resultados aparentam corroborar que os aspectos identitários e materialistas tendem a corroborar as transformações no Sistema Internacional.

#### 4.3 DISCUSSÕES

Com base nos resultados obtidos nos três modelos, é possível constatar que, a agenda política e militar dos BRICS tende a ganhar maior relevância. Apesar das limitações dos modelos, fica evidente que a incorporação de novos países aos BRICS transcende o caráter econômico. Assim, a aproximação estratégica com Egito, Etiópia, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Irã extrapola aspectos de cooperação técnico-econômica, mas busca aprofundar os laços identitários e materiais entre os membros dos BRICS.

No tocante ao aspecto político, os modelos apresentados evidenciam a importância de instituições sólidas e estáveis para o aumento das reservas internacionais, o que implica em uma maior estabilidade dos países. Conforme Aisen e Veiga (2011), a instabilidade política afeta de modo significativo o crescimento econômico, sendo assim, para o sucesso do grupo, a estabilidade de seus membros se torna um fator central, tanto para a continuidade do ritmo de

crescimento, mas também para a intensificação da identidade dos BRICS+ como um conjunto de países estáveis e com capacidade de influência para além de suas fronteiras.

No que tange ao componente militar, assim como as variáveis políticas, exercem grande influência na formulação de uma nova ordem capitaneada pelos BRICS. Assim, com base nos resultados anteriores, desenvolve-se um quarto modelo (tabela 4) que analisa variáveis como petróleo (1000p/d), gastos militares, *Rule of Law*, número de soldados e *Voice and Accountability*, mantendo a variável dependente.

Tabela 4 – Estimativas do Modelos 4 para a Variável Dependente: Reservas Internacionais

| Variáveis Explicativas   | Polled<br>Coeficientes<br>(prob) | Fixos<br>Coeficientes<br>(prob) | Aleatórios<br>Coeficientes<br>(prob) | GMM<br>Difference<br>Coeficientes<br>(prob) | GMM<br>System<br>Coeficientes<br>(prob) |
|--------------------------|----------------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------------|
| Petróleo                 | -0.0179<br>(0.799)               | 0.0007<br>(0.993)               | -0.0038<br>(0.958)                   | 0.0105<br>(0.938)                           | 0.1043<br>(0.266)                       |
| Gastos Militares         | 0.2034**<br>(0.020)              | 0.0011<br>(0.991)               | 0.0239<br>(0.812)                    | -0.8047<br>(0.007)                          | 0.4589**<br>(0.040)                     |
| Role of Law              | 0.2892**<br>(0.026)              | 0.1697<br>(0.257)               | 0.1779<br>(0.215)                    | 0.2827<br>(0.532)                           | 0.0983<br>(0.635)                       |
| Número de Soldados       | 0.1829<br>(0.132)                | 0.2484<br>(0.148)               | 0.2344<br>(0.146)                    | 0.1797<br>(0.411)                           | 0.3254<br>(0.134)                       |
| Voice and Accountability | 0.2765**<br>(0.030)              | 0.0296<br>(0.866)               | 0.0505<br>(0.758)                    | -0.1414<br>(0.763)                          | 0.7011***<br>(0.001)                    |
| Constante                | 57.1359***<br>(0.001)            | 88.7730***<br>(0.000)           | 86.8702***<br>(0.000)                | -<br>-                                      | -<br>-                                  |
| AR(1)                    | -                                | -                               | -                                    | 0.216                                       | 0.155                                   |
| AR(2)                    | -                                | -                               | -                                    | 0.914                                       | 0.708                                   |
| Sargan Test              | -                                | -                               | -                                    | 0.377                                       | 0.012                                   |
| Hansen Test              | -                                | -                               | -                                    | 1.000                                       | 1.000                                   |
| Diff Hansen Test         | -                                | -                               | -                                    |                                             | 1.000                                   |
| Teste de Hausman         | Prob > chi2 = 0.9519             |                                 | -                                    | -                                           | -                                       |
| Número de Observações    | 229                              | 229                             | 229                                  | 218                                         | 229                                     |

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados obtidos no Stata 16  
\*, \*\*, \*\*\* Representa Significância a 10%, 5% e 1%, respectivamente

O modelo OLS *Polled* mostrou que apenas 7,44% da variabilidade nas reservas internacionais é explicada, valendo ressaltar que três variáveis (gastos militares, *Rule of Law* e *Voice and Accountability*) apresentaram coeficientes positivos e estatisticamente significativos. Quando analisados em relação a regressão de modelos fixos e de efeitos aleatórios, ambas lograram resultados semelhantes, ou seja, sem variáveis significativas, mas com base no Teste de Hausman (valor de 0,9519) é possível afirmar que o modelo de Efeitos Aleatórios é o mais indicado, apesar de sua baixa capacidade explicativa. Por último, em GMM *Difference*, a única variável significativa foram os gastos militares, mostrando uma relação inversa com a variável dependente, enquanto no GMM *System* atribuiu aos gastos militares e a *Voice and Accountability* apresentaram coeficientes positivos, sendo que as distinções nos coeficientes da variável dos gastos militares, podem ser explicadas pelas diferentes metodologias empregadas.

Assim, como esperado, os resultados anteriores indicam que as variáveis políticas e militares apresentaram coeficientes positivos e significativos, corroborando a tendência identificada nos modelos anteriores. No entanto, é importante ressaltar que, embora a presença de coeficientes positivos possa, em tese, reforçar a hegemonia do dólar, a falta de dados expressivos sobre reservas internacionais em outras moedas limita essa interpretação. Por meio de uma análise qualitativa, é possível inferir que esses resultados são valiosos para compreender a expansão dos BRICS, visto que, os aspectos identitários, refletidos pelas variáveis políticas, quanto os aspectos materiais, representados pelas variáveis militares, possuem respaldo teórico na análise de dinâmicas hegemônicas. Dessa forma, é possível afirmar que, além de serem atores relevantes no âmbito econômico do Sistema Internacional, os BRICS+ também ganham notoriedade em agendas políticas e militares, o que amplifica a capacidade de influência desses países no cenário global e fortalece seu protagonismo na construção de uma Nova Ordem Mundial.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como objetivo analisar a origem, a evolução e o impacto dos BRICS na hegemonia norte-americana, no contexto da construção de uma nova ordem mundial. A pesquisa explora a formação e o desenvolvimento histórico do bloco, abordando sua institucionalização e a recente expansão, com a inclusão de novos membros, que estão reconfigurando as relações de poder e a governança global.

Para testar a hipótese lançada, o trabalho utilizou análises qualitativa e quantitativa. Os resultados empíricos evidenciam que os BRICS são não apenas um bloco econômico, mas uma coalizão com potencial significativo para moldar uma Nova Ordem Mundial.

A pesquisa demonstra ainda que os BRICS possuem uma capacidade real de influenciar a ordem mundial e desafiar a hegemonia dos Estados Unidos. As análises econométricas indicaram que, além das variáveis econômicas, fatores políticos e militares (como a estabilidade política e os gastos com defesa) têm sido determinantes para consolidar a força do bloco no cenário global. As evidências mostram que os BRICS vão além da esfera econômica, adotando uma agenda ativa que inclui cooperação em segurança e ampliação da representatividade política. Essa abordagem multidimensional fortalece o bloco como um ator-chave na construção de uma nova ordem mundial.

Note que, apesar dos desafios internos, como disparidades econômicas e interesses divergentes, os BRICS têm demonstrado capacidade de influenciar as instituições globais e propor alternativas ao modelo ocidental de governança. As reformas lideradas pelo bloco, como as mudanças nas cotas do FMI e a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), evidenciam sua capacidade de promover transformações no Sistema Internacional, sinalizando um movimento em direção a uma ordem mundial menos concentrada, que reflita a diversidade de interesses e poderes globais.

A recente expansão dos BRICS tem sido uma estratégia para fortalecer sua atuação e ampliar sua esfera de influência, permitindo representar uma parcela maior do Sul Global e reivindicar maior protagonismo nas instituições internacionais. As análises indicam que a estabilidade política dos membros e a capacidade de cooperação estratégica são fatores essenciais para manter e expandir seu papel no cenário global. Embora a baixa institucionalização permita maior flexibilidade, ela também pode gerar desafios na coordenação e implementação de estratégias comuns. No entanto, estratégias de cooperação mais eficazes e uma agenda comum bem definida, os BRICS têm o potencial de se tornar protagonistas na

redefinição da ordem global, sendo a integração de novos membros e a expansão para áreas, tais como, segurança, são fatores cruciais para a consolidação do bloco.

Por fim, a principal limitação da pesquisa está na disponibilidade e qualidade dos dados, especialmente no que diz respeito aos novos membros dos BRICS e aos aspectos políticos mais específicos, o que pode ter afetado a precisão das análises econométricas. Ademais, recomenda-se que futuras investigações explorem outras variáveis e modelos econométricos, capazes de capturar de forma mais precisa as respostas aos esforços dos BRICS no Sistema Internacional.

## REFERÊNCIAS

ABDENUR, A.; BRAZILIAN NATIONAL COUNCIL FOR TECHNOLOGICAL AND SCIENTIFIC DEVELOPMENT. Can the BRICS cooperate in international security? **International Organisations Research Journal**, v. 12, n. 3, p. 73–95, 2017.

ABDENUR, Adriana Erthal; FOLLY, Maiara. O Novo Banco de Desenvolvimento e a Institucionalização do BRICS. In: BAUMANN, Renato *et al.* **BRICS : estudos e documentos**. Brasília: FUNAG, 2015.

AISEN, A.; VEIGA, F. J. How does political instability affect economic growth? **European journal of political economy**, v. 29, p. 151–167, 2013.

BANCO MUNDIAL. **Armed forces personnel, total**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.TOTL.P1>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Commodity Price Data (The Pink Sheet)**. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/databases/commodity-price-data>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Exports of goods and services (current US\$)**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/BX.GSR.GNFS.CD>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **GDP (current US\$)**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD>. Acesso em: 24 fev. 2024.

BANCO MUNDIAL. **GDP per capita (constant LCU)**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.KN>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Imports of goods and services (current US\$)**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NE.IMP.GNFS.CD>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Military expenditure (% of GDP)**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.GD.ZS>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Military expenditure (current US\$)**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.CD>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Population, total**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Worldwide Governance Indicators**. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/publication/worldwide-governance-indicators>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BAUMANN, Renato *et al.* **BRICS : Estudos e documentos**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2015.

BRASIL. VI Cúpula BRICS – Declaração de Fortaleza – 15 de julho de 2014. **Ministério das Relações Exteriores**, [s. l.], 2014. Disponível em: [https://www.gov.br/mre/pt-br/canais\\_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/vi-cupula-brics-declaracao-de-fortaleza-15-de-julho-de-2014](https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/vi-cupula-brics-declaracao-de-fortaleza-15-de-julho-de-2014). Acesso em: 6 mar. 2024.

BRASIL. **Declaração de Brasília**. Brasília: FÓRUM DE DIALOGO ÍNDIA-BRASIL-ÁFRICA DO SUL, jun. 2003. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/parcerias/cooperacao-internacional/ibas-declaracao-de-brasil.pdf>

CHINA. Keynote Speech by H.E. Zhang Jun, Ambassador of R.R.China to the Netherlands, on China-Africa Relations at the CDA-EFF Conference. **Embassy of the People's Republic of China in the Kingdom of the Netherlands All Rights Reserved**, [s. l.], 2010. Disponível em: [http://nl.china-embassy.gov.cn/eng/zhgx/zzgx/201010/t20101012\\_2910198.htm](http://nl.china-embassy.gov.cn/eng/zhgx/zzgx/201010/t20101012_2910198.htm). Acesso em: 6 mar. 2024.

CHINA. 王毅应约同美国国务卿布林肯通电话. Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China, 20 fev. 2023. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/wjbxw\\_new/202302/t20230220\\_11027619.shtml](https://www.fmprc.gov.cn/wjbxw_new/202302/t20230220_11027619.shtml). Acesso em: 14 mar. 2024.

CHINA. 韩正会见联合国秘书长古特雷斯. Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China, 26 set. 2023a. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/zyxw/202309/t20230926\\_11150108.shtml](https://www.fmprc.gov.cn/zyxw/202309/t20230926_11150108.shtml). Acesso em: 16 mar. 2024.

CHUN, K. H. **The BRICs superpower challenge: Foreign and security policy analysis**. Londres, England: Ashgate Publishing, 2013.

DAMICO, F. Antecedentes: do Acrônimo de Mercado à Concertação Político-Diplomática. Em: **BRICS Estudos e Documentos**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2015. p. 55–78.

DEGTYARYOV, Nikita; KHOLODNOV, Yevgeny; TSUKANOV, Leonid. Security agenda of the candidates for membership. **THE SIXTH LETTER OF BRICS: INTERNATIONAL SECURITY AND RUSSIAN INTERESTS**, Moscow, 2021.

FUKUYAMA, Francis. *The end of history and the last man*. New York: Free Press, 1992.

Fundo Monetário Internacional. 2010: *The Year of IMF Reform*. Disponível em: <https://www.imf.org/es/Blogs/Articles/2010/12/28/2010-the-year-of-imf-reform>. Acesso em: 11 fev. 2024.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. **International Financial Statistics (IFS)**. Disponível em: <https://data.imf.org/?sk=2DFB3380-3603-4D2C-90BE-A04D8BBCE237>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. **World Economic Outlook Databases**. Disponível em: <https://data.imf.org/regular.aspx?key=61545850>. Acesso em: 20 jan. 2024.

KANYANE, Modimowabarwa. The BRICS Development Bank and Challenges for development financing in BRICS—Issues for Consideration. In: ZONDI, Siphamandla. **The Political Economy of Intra-BRICS Cooperation**. [S. l.]: Springer Nature Switzerland AG, 2022. cap. 2.

LARIONOVA, M. The rise of new institutions. Em: **BRICS and Global Governance**. New York: Routledge, [2018] | Series: Global governance: Routledge, 2018. p. 1–19.

LIN, R.; JIWU, Y. Theoretical explanations for the origin of BRICS cooperation. Em: **The BRICS Studies**. [s.l.] Routledge, 2020. p. 43–67.

MEARSHIMER, J. J. **The tragedy of great power politics**. Nova Iorque, NY, USA: WW Norton, 2001.

NAIDU, Sanusha. South Africa joins BRIC with China's support. **East Asia Forum**, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://eastasiaforum.org/2011/04/01/south-africa-joins-bric-with-china-s-support/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

NILSEN, A. G.; HOLDT, K. VON. Rising powers, people rising: neo-liberalization and its discontents in the BRICS countries. **Globalizations**, v. 16, n. 2, p. 121–136, 2019.

O'NEILL, J. Building Better Global Economic BRICs. **Goldman Sachs Economic**, 2001.

PRADT, T. **China's new foreign policy: Military modernisation, multilateralism and the 'China threat'**. 1. ed. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2016.

RIBEIRO, E. J. J.; MORAES, R. F. DE. De BRIC a BRICS: como a África do Sul ingressou em um Clube de Gigantes. **Contexto internacional**, v. 37, n. 1, p. 255–287, 2015.

SLAUGHTER, Anne-Marie. **A New World Order**. [S. l.]: Princeton University Press, 2004.

STUENKEL, O. **The BRICS and the future of global order**. Lanham, MD, USA: Lexington Books, 2015.

WALTZ, K. N. **Theory of international politics**. Harlow, England: Longman Higher Education, 1979.

WENDT A. *Social Theory of International Politics*. Cambridge University Press; 1999.

WENDT, A., & Estrada, R. D. (2013). A Anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social da Política de Poder. *Monções: Revista De Relações Internacionais Da UFGD*, 2(3), 420–473.

WILSON, D.; PURUSHOTHAMAN, R. Dreaming With BRICs: The Path to 2050. **Goldman Sachs**, 2003.

WOOLDRIDGE, J. M. Applications of generalized method of moments estimation. **The journal of economic perspectives: a journal of the American Economic Association**, v. 15, n. 4, p. 87–100, 2001.

WOOLDRIDGE, Jeffrey M. **Introdução à Econometria: Uma Abordagem Moderna**. 1. ed. [S. l.: s. n.], 2006.

XIUJUN, X. (ED.). **The BRICS studies: Theories and issues**. Londres, England: Routledge, 2022.